

SE A RENAMO ENTENDER O APELO A GUERRA PODE ACABAR AMANHÃ

— Joaquim Chissano no encontro com dezenas de milhar de pessoas da capital de Sofala

(pelos serviços redactoriais da Delegação da Beira)

N. 25/4/92

«Queremos a paz hoje, (...) o povo moçambicano já disse que quer a paz. Se a Renamo responder a esse apelo para obtermos a paz eu vou ao encontro de Dihakama, vou apertar a mão de Dihakama, vou pegar na caneta, vou escrever que a guerra acabou» — declarou o Presidente da República de Moçambique, Joaquim Alberto Chissano a determinada altura da sua intervenção no

Estagrandiosa reunião de Chissano com a população da Beira que teve lugar no largo dos CFM-Centro principiou cerca das 10.20 horas encontrando-se presentes, além de membros do corpo diplomático acreditado no nosso país, o Ministro dos Transportes e Comunicações, Armando Guebuza, o Ministro de Estado na Presidência, Feliciano Gundana, o Governador da província de Sofala, Francisco Masquil e outros quadros do Partido, do Governo e das Forças Armadas.

COMO O POVO A FRELIMO QUER A PAZ

Depois de breves intervenções da Organização dos Continuadores, da AMETRAMO, entre outras, o Governador da província de Sofala pediu ao Presidente Chissano para se dirigir à população da província e do país. Depois de explicar em pormenor as mudanças havidas nos últimos três anos no país, incluindo a revisão da Constituição, discutida por todo o povo, o Chefe do Estado moçambicano referiu que como o povo, a Frelimo quer a paz, ponto inúmeras vezes salientado no nosso território e em vários países que como Moçambique fazem todo o esforço para a guerra acabar e se abra uma página nova para as populações desta nação.

«Dissemos que o povo devia estar livre para escolher sem medo de ameaças das armas o que quer. O povo não pode escolher bem enquanto as armas estão apontadas. Por isso é preciso estabelecer primeiro a paz. É por isso que o Governo decidiu procurar saber o que é que quer a Renamo, o que é que querem aqueles que persistem em fazer esta guerra para discutirmos como chegar à paz».

Ele recordou que tempos atrás se reuniu naquele mesmo local com a população da Beira, tendo perguntado se a Frelimo devia falar com a Renamo e obteve como resposta um «não». Ele disse que alguns, de certeza, se lembravam desse encontro e outros não, mas insistiu afirmando que «perguntámos aqui, nesta praça, se podíamos ir ou não falar com a Renamo, se podíamos ou não falar com

«matsangas» e disseram-me «não»... não, queremos».

«Insistimos, cá por dentro, nós sabíamos que era preciso procurar meios, mas era preciso que o povo aceitasse» — disse.

Joaquim Chissano historiou todo o processo que levou o Partido Frelimo e o povo moçambicano a aceitar «como representante do povo» o diálogo com a Renamo e que ainda decorre em Roma, com a mediação do Governo italiano e de países como os Estados Unidos, Portugal e França.

QUEREMOS TRABALHAR EM CONJUNTO PARA O FUTURO DO NOSSO PAÍS

«O que é que nós queremos negociar com a Renamo? Nós queremos negociar a forma de acabar com a guerra para podermos trabalhar para o país em conjunto. Cada um com a sua ideia, sim senhor, cada um com a sua maneira de ver as coisas, sim senhor. Mas estarmos em paz e discutirmos. A nossa luta será uma luta de ideias e não de armas. E a nossa luta basear-se-á na vontade do povo, porque o povo é que é o dono do poder. Não é uma pessoa. Não é um partido. O dono do poder é o povo. Nós dissemos: estamos aqui nesta posição apenas porque o povo quer. É escusado dizer porque temos o Exército, porque temos a Polícia. Se o povo não quiser Chissano não há-de ficar a falar aqui onde está neste microfone. Vamos, portanto, dizer à Renamo, vamos fazer a paz e vamos deixar o dono do poder decidir».

Depois desta exposição sobre o processo negocial, e após ter falado em pormenor sobre a Frelimo desde a luta de libertação nacional, passando pela conquista da independência, referiu-se à participação activa do povo moçambicano nos acontecimentos de 7 de Setembro e de 21 de Outubro, causados pelos colonialistas mais radicais, a quem o Presidente designou por fascistas e racistas, nomeadamente Jorge Jardim, Orlando Cristina, Gomes dos Santos e alguns generais rodesianos que foram os mentores «e patrões do que hoje é a Renamo».

Joaquim Chissano disse entretanto

encontro que teve ontem com a população da Beira, o qual reuniu dezenas de milhar de pessoas. Ao fazer aquela afirmação, o Chefe do Estado foi aplaudido pela multidão que, com ele, concordou que: só a paz e o calar das armas trará o progresso, harmonia e o desenvolvimento de todo o país.

que a Renamo diz: «vamos decidir as coisas em Roma. Vamos decidir em Roma como governar o nosso país. Nós dissemos: não. Em Roma vamos decidir como acabar com a guerra e trazer a paz. O resto pertence ao povo. Mas eles (referindo-se à Renamo) dizem «não» vamos à Constituição, vamos discutir as leis. Temos medo». Só que não dizem com estas palavras. Eles têm medo. Mas medo de quê? Estou certo que não têm medo de mim. Se têm razão, não podem ter medo de mim. Mas não interessa saber quem tem razão. Mas não cabe a nós Governo de Moçambique nem a eles dizer quem tem razão, cabe ao povo, porque trata-se de apresentar o futuro. O que é que queremos fazer daqui para frente? Não o que a Frelimo já fez. O que a Renamo já fez. Estamos a dizer ao povo o que é que pensamos que se deve fazer daqui para frente».

Reforçando o conteúdo da mensagem atrás explícita, o Chefe do Estado disse que a Frelimo está preparada para auscultar o povo para lhe dizer o que é necessário fazer daqui para diante, mas sempre na base da vontade do povo. Fazendo alusão à Renamo, no processo negocial em curso, Chissano disse que «eles não querem discutir este ponto». Salientou seguidamente que há mais de um ano o Governo moçambicano tem perguntado à Renamo a forma mais rápida e correcta de como acabar com a guerra.

Nós dissemos «o cessar-fogo é a primeira coisa. Eles dizem: vocês vão enganar-nos. Nós dissemos a eles que teriam todas as garantias. É por isso que no processo negocial estão envolvidos o Governo italiano, o Bispo da Beira que são testemunhas... para além da inclusão como se disse atrás, dos Estados Unidos, Portugal, França e da Inglaterra e de outros países africanos. Mas a Renamo continua a não aceitar as propostas negociais do género «dizendo que senão vamos ser enganados, queremos discutir tudo (referindo-se aos aspectos políticos)».

«Eles dizem: a guerra pode continuar. Mas, nós Governo de Moçambique, nós Partido Frelimo dissemos que estamos prontos para a cessação da guerra amanhã. Estamos somente à espera da resposta da Renamo. Se a Renamo responder a esse apelo, eu vou ao encontro de Dihakama, vou apertar a mão de Dihakama, vou pegar na caneta, vou escrever que a guerra acabou».

Vibrantemente aplaudido ao acabar de proferir estas palavras pelas milhares de pessoas ali presentes, Chissano pôs-se a dizer que se

tal facto ocorresse imediatamente ele daria instruções às Forças Armadas para não dispararem nem mais uma bala, sublinhando que se a Renamo ouvir o apelo do povo para acabar com a guerra os seus homens serão abraçados.

O ESFORÇO PELA PAZ TEM DE SER DE TODOS

O Presidente da República afirmou que o que se passa em Roma é que a Renamo não quer «que façamos a democracia», chamando a atenção para o facto de que o esforço para se alcançar a paz rapidamente «não pode ser feito só por uma das partes».

No outro passo do seu improviso e referindo-se objectivamente às alegações que a Frelimo e a Renamo são a mesma coisa, afirmou que tais alegações eram uma manobra dilatória da Renamo e de outras forças a quem ela serve. Recordou que «quem morre é o povo. Nem os padres, nem as irmãs

de caridade, centros religiosos são poupados. Às vezes criam-se dúvidas porque a Renamo espalha propaganda, pondo as pessoas e o mundo na expectativa de que essas acções criminosas são obras da Frelimo ou da Renamo. Eles tentam desacreditar as Forças Armadas, mas isso constitui mera propaganda».

Referindo-se ainda à urgência da paz, Chissano disse que as Forças Armadas estão na defensiva, estão para defender o povo, que é essa sua tradição, para depois colocar um ponto extremamente importante que é o problema gravíssimo que afecta toda a zona da África Austral, nomeadamente Moçambique, Zimbabwe, Zâmbia, Malawi, Suazilândia, Botswana e África do Sul.

O flagelo da maior seca do século que coloca todos estes países numa situação de emergência, já que a maior parte das culturas foi destruída por aquela calamidade natural. Sobre este momento ainda mais duro e dramático que o povo moçambicano atravessa, tornando ainda maiores as necessidades em alimentos, Chissano precisou que hoje mais do que nunca é necessária a paz para que com segurança se possa chegar a essas populações necessitadas de ajuda.